

É O HOMEM QUE HONRA SUA POSIÇÃO, NÃO É A POSIÇÃO QUE HONRA O HOMEM. — PASTEUR.

Prezado leitor...

FOLHA DA JUVENTUDE, órgão oficial da A. J. C., é o teu jornal. e o de toda a juventude.

Por isso mesmo todo jovem pode e deve colaborar.

O que gostarias de ver na FOLHA DA JUVENTUDE? O que achas da mesma? Tens alguma sugestão a fazer? O formato do mesmo, os artigos, as secções, te agradam? Se não, diz-nos com franqueza, dá-nos tua opinião que a receberemos com prazer.

Toda correspondência deve ser endereçada para S. MIGUEL, Rua Padre Miguelinho, 17 — Nesta.

FOLHA DA JUVENTUDE

FLORIANÓPOLIS — SANTA CATARINA

ORGÃO OFICIAL DA ASSOCIAÇÃO DA JUVENTUDE CATARINENSE

ANO I — N. 3

Diretor
ANTONIO PALADINO

Maio — 1947

Redator-chefe
ADEMAR AMÉRICO MADEIRA

Finalidades, Esfôrço e Dificuldades da "Folha da Juventude"

A fim de melhor esclarecer certos pareceres que, até então, pareciam ser desconhecidos da maioria de nossos leitores, nós nos dignamos escrever esta página.

Trata-se de nosso jornal, a "Folha da Juventude". Muitos de nossos leitores ainda não estão a par de suas finalidades, embora já se tenha dito alguma coisa sobre elas. Aqui, portanto, tornamos a repetir em poucas linhas o que já antes foi dito:

A "Folha da Juventude" é um jornal essencialmente democrático e suas finalidades são incentivar e apoiar as iniciativas e os di-

SÃO TAMBÉM NOSSOS COLABORADORES

Em obediência aos princípios de dever e praxe, o nosso jornal agradece e acolhe prazerosamente, todos os seus colaboradores. Todavia, não devemos descuidar, atribuindo a qualidade de colaborador, unicamente àqueles que enviam seus trabalhos devidamente assinados, ou com pseudônimos.

Não julgemos assim. Há outras formas diversas e possivelmente mais eficientes. Sim, por exemplo, o DD, Diretor da Imprensa Oficial do Estado, J. Batista Pereira, a quem, pela sua conhecida bondade e desinteressada nobreza de suas ações, deve esta folha sua existência, por isso que uma justa homenagem lhe foi conferida no primeiro número de sua circulação.

Em aditamento, outros cidadãos merecem nossos elogios. Aqueles que na composição, na impressão, corte do papel, enfim, que no fiel desempenho de suas atribuições, concretizam, realmente, a definitiva apresentação da "Folha da Juventude Catarinense". Sim, são efetivamente estes nossos eficientíssimos "colaboradores", estes elementos que na solidão do trabalho, não permanecerão no esquecimento, alheios aos nossos veementes protestos de veneração e reconhecimento, em virtude do que, levamos à publicidade os seus imprescindíveis feitos.

Começando pelo sr. Manoel Paes Farias, atencioso e distinto chefe das oficinas da Imprensa Oficial, seguem-se os srs. Agenor Vieira, Euclides Schmith, João Silva e Aurino Godinho, aos quais, na impossibilidade de uma retribuição material, fazemo-la, contudo, sob um aspecto muito modesto, rendendo este sincero preito, ultimado com os nossos agradecimentos pela tão valiosa cooperação que nos tem sido proporcionada.

DA REDAÇÃO

reitos da nossa juventude. Para tanto, porém, é preciso que haja, em primeiro lugar, um pouco mais de entendimento entre os jovens catarinenses. Precisa-se despertar em nossa juventude esse sentimento de confraternização que tanto tem caracterizado os jovens de alguns estados do Brasil: sirvam de exemplo os gaúchos.

Declaramos, entretanto, que não temos muita esperança de alcançar o objetivo de nossa empreitada. Não é coisa surpreendente para ninguém o fato de se saber que em nosso meio juvenil predomina uma certa indolência. Um certo desânimo que o enfraquece e desprestigia. Não se pode, também, esperar de uma juventude em tal estado de depressão, esse sentimento de confraternização que caracteriza os jovens de outras cidades. Contudo o nosso empenho é seguido à risca, sincera e incansavelmente. Fazemos o que podemos: aguardamos, talvez, o dia em que o encanto se quebre. E quando esse dia chegar... Bem, aí então veremos de quanto a nossa juventude é capaz. Antes disso, nem uma palavra...

Entretanto, uma das causas primordiais deste encantamento, e da qual pretendemos falar aqui com exclusividade, não é muito difícil de se identificar. Combatê-la porém não é fácil. Vencê-la é quase impossível. E essa causa todos sabem qual é. É a falta de compreensão sistemática que houve e que ainda há em nossa cidade, entre

CONCURSO LIVRARIA ROSA

CHAMAMOS A ATENÇÃO DOS NOSSOS DISTINTOS LEITORES PARA O CONCURSO PATROCINADO PELA LIVRARIA ROSA, NA 5ª PÁGINA.

AGRADECIDOS

Acusamos o recebimento do primeiro número da Revista "Vozes da Juventude", de São Francisco do Sul, comemorativo do centenário da fundação daquela cidade. Revista esta que assimila em suas páginas entusiásticas e ardentes os sentimentos e as aspirações da juventude franciscanense. Agradecemos outrossim a solicitude de seus dirigentes e auguramos para "Vozes da Juventude" votos sinceros de progresso e feliz orientação.

Recebemos e agradecemos o "Idealista" órgão oficial do Grêmio Cultural "Prof. Antonieta de Barros", do Instituto de Educação de Florianópolis.

jovens de sexo diferente. E isto só se pode atribuir a essa falta de coeducação juvenil, vigente em Florianópolis. De um lado, fica um colégio só para moças. De outro, um colégio só para rapazes... Um entrave que se agiganta entre os jovens dos dois sexos. E o resultado é essa falta de compreensão que existe entre eles.

Como remediar, entretanto, este estado de coisas? Estabelecendo a coeducação entre os jovens. E para tanto, o que é preciso que se faça? Confiar na boa vontade dos conservadores da situação atual. E podemos esperar alguma coisa da sua boa vontade? Não sabemos: nosso binóculo não é de longo alcance... Esperemos: dizem que a paciência é o consólio dos que sabem esperar...

CAMPEONATO DE XADRES

O sr. Orlando Scarpelli, conceituado comerciante e de reconhecido valor nos meios "futebolísticos" desta Capital, o qual contribuiu com invulgar doação para construir o "Estádio do Figueirense F. Clube", vem de aquiescer generosamente a um apêlo do Clube Cultural Ordem e Progresso, para patrocinar um campeonato de Xadrez, sugerido pela Diretoria do aludido Clube, e que se realizará entre as entidades de idênticas finalidades.

Para ingressar no referido certame, a diretoria do Clube em alusão solicita a inscrição dos diversos Clubes Culturais, logo após a publicação nesta folha, devendo cada sociedade apresentar seus dois melhores jogadores. A inscrição deverá ser feita por carta ou ofício, completamente isenta de qualquer despesa, dirigida à diretoria do Clube supra mencionado, para o endereço deste jornal ou Caixa Postal 51. A fim de evitar suposições sobre qualquer imparcialidade, os regulamentos e outros pormenores das partidas serão discutidos e submetidos à aprovação dos competidores.

O vencedor de todas as provas será contemplado com um valioso brinde, representado por um bom livro, oferecido gentilmente pelo patrocinador, senhor Orlando Scarpelli, a quem o Clube Cultural apresenta grato reconhecimento por tão valiosa cooperação.

Apelamos, pois, aos Clubes Culturais, contribuam, com seus valiosos elementos, na participação desta competição, pelo que antecipadamente apresentamos nossos agradecimentos.

A DIRETORIA
(Do Clube Cultural Ordem e Progresso).

HERONDINO MACEDO

Deixou a direção da "Folha da Juventude", para continuar seus estudos no Rio de Janeiro, o jovem Herondino Macedo, que tanto contribuiu para o aparecimento deste órgão. A ele, que tão esforçado se mostrou, os nossos agradecimentos e votos de felicidade nos seus estudos.

Assumiu a direção da "Folha da Juventude" o nosso apreciado colaborador, o jovem Antônio Paladino. Estamos certos de que o novo Diretor muito fará para que a "Folha" continue a ser o órgão representativo da mocidade culta e estudiosa da nossa terra. Por certo, ele batalhará para que a "Folha da Juventude" cresça no conceito de todos os catarinenses e seja um espelho do que pode fazer a juventude, quando unida. Felicidades, pois, é o que lhe desejamos.

ALDO SAGAZ

Por motivo de saúde e múltiplos afazeres particulares, deixou o cargo de Redator-Chefe deste órgão o mui talentoso e esforçado jovem Aldo Sagaz, que desde o início vinha, prestando a sua valiosa colaboração à "Folha da Juventude". A "Folha", que continuará a contar com a inteligência esclarecida do seu ex-Redator-Chefe, agradece os serviços prestados.

ADEMAR AMÉRICO MADEIRA

Acaba de assumir o cargo de Redator-Chefe da "Folha da Juventude" o nosso distinto amigo e colaborador Ademar Américo Madeira, de cuja capacidade para o cargo temos sobejas provas. Juntamente com Antônio Paladino, com demais redatores e com o apêlo de toda a mocidade estudiosa de nossa terra, esta folha prosseguirá, temos certeza, em sua campanha em prol do levantamento e do melhor conhecimento dos homens e das coisas de nossa terra.

L I T E R A T U R A

Direção de:

SALIM MIGUEL e

C. BOUSFIELD VIEIRA

O TEU OLHAR

Como o oásis em meio do deserto,
É o refúgio do suarento viandante,
Que em sua sombra descansa deslumbrante,
Da jornada estafante!...

Como a estrela D'Alva em céu aberto
Desponta bela, solitária, brilhante,
Na clara e alegre manhã estiante,
Ardente, ofuscante!

Como os pássaros, na mata, em revoada,
Deixam seus ninhos, felizes e contentes,
Saudando o Astro-Rei, em cânticos dolentes,
Suaves e candentes!...

Como o violino, na noite enluarada,
Penetra noss'alma, em ritmos quentes,
Com suas notas lânguidas, furentes,
Melancolicamente..

Como o farol, que, nas noites de tormenta,
Ilumina a rota do valente marinheiro,
Cortando as trevas do mar desordeiro...
Soberbo, altaneiro!

Como o sol, com seus raios, acalenta,
A tarde, num lampejo derradeiro,
Espargindo luz e calor, belo, fagueiro,
Por campos e outeiros..

Assim é teu olhar — um oásis que me abriga...
Um'estrela aurifulgente — terno como o violino,
Penetrante e incomparável... Um olhar divino,
Brejeiro, peregrino!...

É este o teu olhar — um farol que me abriga...
A trilhar contigo a mesma rota do destino...
Suave como os pássaros — dum palor alabastrino
Que me leva ao destino!...

O. RONILA

CARNE MORTA

Renata Pallottini

"És pó, e ao pó hás de tornar", que importa
Essa ridícula vaidade tua?
Passam dois namorados pela rua,
Serão talvez amanhã carne morta...

Carne morta... Pensas: e o coração?
E essa alma de que tanto fala o crente?
Irão também, muito naturalmente,
Nada escapa ao poder da padridão.

Serás depois esqueleto alvejante,
A boca aberta em riso apavorante,
Mas serás sempre um homem; e demais

Nada, nada mudou, unicamente
Houve a envolver-te a ossada antigamente
Um pouquinho de carne, e nada mais...

PRIMEIRA PARTE

A Crônica

Quando eu acabar de contar
esta história, talvez vocês, caros
leitores, me julguem um sonhador,
um desses rapazes meio desequili-
brados que andam sempre no mun-
do da lua.

Mas esta história é verdadeira,
caros leitores. Aconteceu comigo e
creio que deve ter acontecido com
muitos de vocês.

Esta história aconteceu numa
noite. Foi quando eu tentava es-
crever a crônica desta página. A
noite era inspiradora; convidava a
escrever. Mas foi em vão que o fiz,
caros leitores: Do meu lapis não
saiu uma única palavra. Esforcei-
me; esforcei-me muito. Esforço
inútil: tive de paralisar meu tra-
balho. E foi pena, caros leitores;
eu esperava escrever uma página
séria; página realista, sincera, hu-
mana.

MIRAGENS

ANTÔNIO PALADINO

Desanimado, quedei-me entris-
tecido. Debruçado sobre a minha
escrivadinha — cabeça baixa, —
fiquei a cismar, a cismar; abatido,
acabrunhado, na esperança inútil
de reencetar meu trabalho. Passou-
se meia hora. Passaram-se duas. O
relógio, por fim, assinalou uma
hora da madrugada. Nada. Não
consegui escrever mais do que
quatro palavras...

Desesperançado, afinal, argui a
cabeça. Mas, oh! coisa espantosa.
Um vulto enorme, medonho, repug-
nante, jazia em pé, diante de mim.
Iria escarniamente da minha
derrocada. Fitava-me terrível, com

tral. Fiquei apavorado: seu olhar
irradiava terror, agonia, desalento.
Depois, caí num estado de torpor.
Uma apatia estranha pouco a pou-
co me assaltou. E a indescrevível
visão gargalhava, gargalhava...

— Eu sou aquele — dizia o as-
queroso vulto — que a boa vontade
de alguns brasileiros ainda não
conseguiu extinguir. Vivo ainda a
perambular por este imenso país.
No coração de cada jovem brasi-
leiro, está um pouco de mim. Eu
sou essa timidez, essa indecisão,
essa apatia, que transparece de
cada um de vós.

— E o teu nome? perguntei.
— Eu?... Eu sou o Fantasma
do Brasil.

OS SONETOS

José Pires Zitzkewsz

Nascidos para o bem, Amor, Ternura,
A condensar a voz do pensamento,
Dando mais luz à nossa Vida escura,
Tão cheia de Desgosto e Desalento!

Numa forma de simples contextura,
Expressando os arroubos do Talento,
Decifrando os mistérios da Natura,
Transformando em Beleza o Sentimento!

Eis quatro estrofes — Catedral do Verso!
Onde as imagens no fulgor das Rimas;
São estrelas a rir num céu diverso!

Dois quartetos apenas, dois tercetos,
Se forem buriladas Obras Primas,
Serão imortais poemas — "Os Sonetos".

JUSTIÇA

Ele roubou um pão:
E o trancaram alguns dias na prisão...
Ele assassinou,
Por ciúme,
A mulher querida:
E por isso passou,
Na penitenciária,
Alguns anos de sua vida...

Mais tarde, ele foi para a guerra
E deitou muitas vidas por terra
E seus irmãos matou,
Sem o menor motivo...
E, tendo a felicidade de ficar vivo,
Ele voltou...

Que coisa estranha lhe aconteceu!
Ninguém o chamou de criminoso,
Nem a Polícia o prendeu!...
E, em vez do castigo de suas bárbaras ações,
Ele recebeu
Honrosas condecorações!...

C. Bousfield Vieira

Depois disto, o hediondo vulto
foi embora. Nunca mais o vi. Ain-
da vive pairando, talvez, no céu
imenso do Brasil... Dolorosa ver-
dade. Triste sina. O Fantasma do
Estado Novo... Até quando, ele
nos assombrará?

SEGUNDA PARTE

As Três Imagens

I

Mentira... O veículo mais usado
para a vitória... E como os vence-
dores perseguem os que não men-
tem!...

II

...morrer e saber, afinal, que
não passamos de pó...

III

Ambição, Bem-estar... A mesma
história de todos os homens... E a
solidade... Onde está?

APONTAMENTOS PARA UMA NOTA SOBRE POESIA E POETAS

Aulicus

I — A poesia, assim como tôdas as demais artes e ciências, e tudo o mais na vida, não é uma coisa estática, fixa. Ela é relativa à época, ao meio, às condições sociais. Ela evolui com o homem e com ele se transforma.

II — No início, a poesia brotava do seio do povo rude. Era a poesia popular, as lendas, os mitos. Jorrava límpida e pura. Era o folclore, as tradições populares, que passavam de pai para filho, transmitidas de geração em geração.

III — Depois vieram os grandes poemas da antiguidade. Os "Vedas", "Mahabharata" e "Ramayana", dos Hindús; Os "Psalms" de David e os "Cânticos dos Cânticos", de Salomão, dos Hebreus, etc. Na Grécia, a "Ilíada" e a "Odisséia", atribuídas a Homero, são epopeias dos relatos da guerra de Tróia e das viagens de Ulisses, colhidos do povo.

IV — Na língua latina, Vergílio, Ovídio e mais tarde Camões, cantam as glórias pátrias, louvando as guerras e os homens, as descobertas e as conquistas. São ainda epopeias, pois misturam o real com o fictício, o humano com o divino, entrelaçando as ações dos homens com as divindades.

V — Na idade média eram os menestrelis, cavaleiros andantes da poesia, que percorriam os castelos dos nobres, declamando e alegrando os senhores feudais.

VI — E vemos a Renascença, com seus grandes vultos, sobresaindo Dante (Divina Comédia), onde já não se trata tão somente de uma epopeia, mas onde se procura ver e analisar o homem e suas emoções. Cheio ainda de Ovídio, Vergílio, Homero e outros tantos, Dante, porém, já traz para a poesia um sentido novo, uma contribuição toda própria e que muita influência irá ter nos poetas futuros.

VII — Sempre temos escutado dizer que a poesia não tem função social, é meramente decorativa. Nada mais errado. A poesia pode e deve ser uma arma para melhores meios de vida. Chamam-se poetas os seres aéreos, alheios ao mundo e ao que os rodeia. Época houve em que poeta era sinônimo de volubidade, de incapacidade para o prático, o objetivo. O poeta era um ser que vivia à parte, no seu mundo de sonhos e ilusões, sem olhar o mundo de frente. A uma pessoa qualquer se dizia: "É poeta" e pronto, estava classificado entre os inúteis.

VIII — Para essa falha opinião muito contribuíram correntes poéticas que se preocupavam unicamente com o burilamento, com a beleza da forma, com a sonoridade da frase, com rima e métrica. Queriam fazer com que o verso tivesse uma cadência quase musical. Não lhes interessava que, se analisado, o verso aparecesse vazio de idéia, incapaz de conter um sentido humano ou social. Era a chamada "poesia de salão", tão ao gosto dos nossos ultra-românticos. E quantos deles ainda existem hoje!

IX — Foi a época dos suicídios, das loucuras, das mortes prematuras. Muitos chefes citam-se para esta corrente (ou correntes). O maior deles, porém, é Byron. No Brasil tivemos muitos deles: Casimiro de Abreu, Fagundes Varela, Alvaro de Azevedo, etc. Morreram jovens, intoxicados de bebedeiras, orgias e pessimismos, amando a morte como a mais bela das amantes. Praticava-se a "arte pela arte", a arte sem finalidade, e toda arte era inútil.

Muitos dos nossos poetas de hoje ainda dizem que toda arte é inútil.

X — Nem todos os românticos, porém, foram assim. Poderíamos citar muitos que, apesar da escola que seguiram, praticavam a boa poesia. São exemplos: Vitor Hugo e o nosso Castro Alves. Se bem que Castro Alves, sem favor algum um dos nossos maiores poetas, tenha sido muitas vezes declamatório e se afastasse da verdadeira poesia, deve ser considerado o iniciador da poesia social no Brasil.

XI — Os parnasianos, se não tinham os excessos dos românticos,

UM DOCE PARA QUEM ADIVINHAR...

A. Paladino

Foi num dia desses: Sai abafado da Assembléia... A coisa lá, naquele dia, não esteve muito boa, não... Pois bem; depois que sai da Assembléia, — a cabeça doendo, a respiração pesada. Não sei, parece que algum bicho me mordeu por lá — dirigi-me apressado, eu e um amigo meu, à nossa tão conceituada e famosa Biblioteca Pública.

Porém, pareça que o azar nos perseguia nesse dia — a mim e ao meu amigo. Encontrei lá o sujeito mais espírito de porco deste mundo. Um rapaz, aliás, que não raro nos vai cacetejar a vida, nesse ambiente de silêncio e de respeito que é o ambiente de uma biblioteca pública. E nesse dia, o nosso "amigo" estava uma verdadeira ostra... Pior que nos dias anteriores.

O rapaz a quem me refiro é um falador de primeira. É desses tipos "gramofônicos", que falam, falam, às paredes, ao ar, porque não encontram uma única pessoa paciente, que lhes dê um pouco de atenção. Ri-se sozinho das suas próprias momicas, fala, brinca... Um genuíno "nenem"... E nós, as vítimas, as pobres vítimas, que aturemos as suas macaquices. É duro, leitor; mas que se há de fazer? A direção desse estabelecimento público, ainda não se lembrou — ou talvez não quiser se lembrar — de por essa "mosca" no olho da rua... Será que é porque "ela" "voa" e sabe zumbir em inglês?... Um doce para quem adivinhar quem é o tipo...

tinham porém a preocupação da perfeição, do burilamento da forma, o que muitas vezes truncava o sentido da frase e da idéia. Os simbolistas procuravam "exprimir pensamentos, estados de alma, por meio dos objetos que os evocavam". Usavam e abusavam da onomatopéia. Era tudo indeciso, em brumas, tendo que se sujeitar ao ritmo, ao compasso, à música. Verdadeiramente exclamava: "De là musique, avant toute chose".

XII — E veio, quase em nossa época, a poesia moderna. Ela tem uma ductibilidade, uma capacidade de expressão que as outras não tinham. Liberta a frase. Permite a expressão de pensamentos em frases escuras, livres, belas. Não é como as outras correntes, presa às formas rígidas, fixas, preestabelecidas. Tem liberdade e se preocupa com o homem, o meio, as coisas do homem, seu modo de viver e pensar. Devassa-lhe o exterior e interior. Analisa-o.

XIII — Hoje, os poetas não são mais seres à parte, preocupados com a beleza e ritmo da forma, com métrica e rima, preocupados em fazerem poesias de salão. Hoje, eles visitam o povo e sofrem com ele, vêm-lhe os trabalhos, as lutas, as misérias. Olham com olhos humanos para os semelhantes.

XIV — Digam o que quiserem os cultores das belas formas, os rebuscadores de estilos empolados, os que vivem em torres de marfim (e ainda existem alguns deles). O que não poderão negar é que a maioria dos poetas se humanizou, desceu à terra, e viu e conheceu o seu semelhante. Olha-o, não com olhos estranhos, mas com olhar de igual, de irmão. E os raios que cultuam a "arte pela arte" vivem entre fantasmas, num passado que não mais voltará, esquecidos da beleza que é viver e lutar e sofrer.

XV — O poeta deve, precisa ser objetivo, claro. O poeta deve, precisa ser livre como os pássaros. O poeta não pode estar preso a regrinhas tolas, a formulas prefixadas. Ele precisa dar forma própria aos seus pensamentos. Mas deve dar uma forma que seja toda sua, que não esteja contida em livros que ensinam a fazer poesia. Porque a poesia não se faz; a poesia "se sente". Ela é uma necessidade do poeta. Ele deve soltar as asas à imaginação e deixá-la agir. Mas não deve também permitir que essas asas o levem para fora do mundo.

A poesia e o poeta pertencem ao mundo e devem exprimir o meio e as condições em que vivem.

Soneto do mês

PRIMEIRA COMUNHÃO

Cruz e Souza

Grinaldas e véus brancos, véus de neve,
Véus e grinaldas purificadores,
Vão as Flôres caruais, as alvas Flôres
Do sentimento delicado e leve.

Um luar de pudor, sereno e breve,
De ignotos e de prônubos pudores,
Erra nos pulcros, virginais brancos
Por onde o Amor parábolas descreve...

Luzes claras e augustas, luzes claras
Douram dos templos as sagradas aras,
Na comunhão das niveas hostias frias...

Quando seios pubentes estremecem,
Sifos de sonhos de volúpia crescem,
Ondulantes, em fôrmas alvadias...

HUMORISMO

Calai-vos!

Viajava Bias, o sábio grego, quando foi surpreendido a bordo por uma tempestade. Entre os seus companheiros, encontravam-se alguns de bastante má fama, que entraram a clamar aos deuses por auxílio.

— Calai-vos! — exclamou Bias — Que os deuses nem sonhem que vindes a bordo.

O homem de Platão

Tendo sabido que Platão definia o homem como sendo um bipede sem penas, Diógenes arrancou as penas de um frango e levou-o à escola do autor da "República", dizendo:

— Eis um dos homens de Platão!

Problemas filosóficos

O grande Tobias Barrato, ocupado na divulgação de idéias positivas em filosofia e em ciências, nunca esqueceu o combate às investigações metafísicas. Julgava-as inúteis ocupações do passado. E resumia:

— O espiritualismo vive indagando "quem é o homem?" "Para onde vai?" "De onde vem?"... isto até parece filosofia de passaporte...

Adivinhação

Um caipira carregava um saco cheio de laranjas e, encontrando-se com um amigo, pergunta-lhe:

— Si tu adivinhá quantas laranja eu levo aqui no saco, eu te dô tôdas cem.

— Duzentas, responde o outro.

Antropófagos

Um explorador inglês, na África, querendo ser delicado, diz a uma indígena:

— Aceita o meu braço?

E ela responde:

— Obrigada, eu já almocei.

Num restaurante

O freguês — Mas, senhor garçon, na minha terra, esta abóbora que o senhor me trouxe só é dada aos porcos!

O garçon — Aqui também.

Discussão

Três ingleses estão sentados, há mais de duas horas, no saguão de um hotel, sem dizerem palavra. De repente, um diz:

— Napoleão foi um grande general!

Passa-se um hora e o segundo responde:

— Não foi não!

Calam-se. Passa-se mais uma hora e então o terceiro se levanta e diz:

— Vou mudar de hotel. Não gosto de discussão.

Definição

1º português — Dize-me lá, oh Manel, tu sabes o que seja um micróbio?

2º português — Sei, pois sim; é um bichotão pequeno, mas tão pequenino, tão pequeno mesmo, que um montão deles do teu tamanho ainda se não enxerga!

A ROSCA FATAL

C. Bousfield Vieira

Há muitos anos — conta meu pai — costumavam os caboclos do interior jogar cartas e usar, à guisa de fichas, umas deliciosas roscas de polvilho, que as próprias esposas dos jogadores faziam. O sistema era bem interessante e não dava muito nos bolsos, tanto que, em quasi tôdas as localidades do sertão, era adotado pela maioria dos amantes do baralho.

Pois bem, certa noite, numa dessas engraçadas partidas de cartas, um dos jogadores conseguiu "limpar" os demais, ficando com tôdas as fichas, quero dizer, as roscas. O caboclo, contente com a sua esmagadora vitória, partiu para casa, pensando na cara amarrada que os adversários tinham mostrado, quando se despedira deles e nas coisas feias que deviam estar dizendo dele agora. Seguiu pela estrada calma e enluarada...

Ao passar diante do quintal dum vizinho, onde havia uma bela plantação de aipim, veio-lhe à memória a idéia de surripiar algumas raízes do gostoso legume, para comê-las no dia seguinte. Pensado e feito. Pulou a cerca e fez o "serviço" em poucos minutos.

No outro dia, porém, o vizinho procurou-o de cara feia e disse-lhe:

— Ai ein, patife!
— O que, cumpade?
— O que, é? Então vancê veio robá o mo aipim, né?
— Eu, cumpade?!
— Vancê, sim! Bonito, né?
— Juro pru Deus, cumpade, como num robê aipim nenhum!
— Robô, sim sinhô!
— Mintira, cumpade!
— Mintira? E essa rosca? — e

o caboclo puxou de baixo do paletó uma das roscas que o outro ganhara no baralho.

O homenzinho ficou passado. Ali estava uma prova cabal do seu delito. Porque diabo a deixara cair logo no quintal do vizinho! Ficou vermelho como um camarão. Não pôde dizer mais uma palavra.

— Responde, anda! — continuou o vizinho — Essa rosca?

— Bão, né, cumpade; só si foi quand'ô m'abaxê pá juntá as raiz d'aipim, né...

**CORRESPONDAM-SE COM A
FOLHA DA JUVENTUDE E EN-
DERECEM SUAS COLABORA-
ÇÕES À RUA PADRE MIGUEL
NHO. 17 — NESTA.**

PENSAMENTOS

Um homem sem paixão ou sem desejos deixaria de ser um homem.

Holbach

A sabedoria não consiste em fazeres sempre o que queres, mas em querereres sempre o que fazes.

Tolstoi

A felicidade é tão difícil, porque somos muito difíceis em matéria de felicidade.

Madame de Staël

DO CONTO "O NOCTIVAGO"

"Últimas páginas" (Do Diário de Augusto).

O relógio da eternidade tem andado mui devagar, acompanhando os meus tristes e amargos momentos.

JOSÉ TITO SILVA

A noite e a vida têm um frio nórdico e torturante; já não necessita de agasalhar-me do vento que sobe as escadas e penetra no quarto, e no corpo do meu ser pálido e doentio, porque amanhã não mais hei de sentir o angustiante olhar do futuro.

O cérebro parece um vulcão ou um mar tempestuoso que me anula o pensamento, porque sinto que a loucura vem chegando aos poucos, e estes sintomas de dores que andam em meu espírito jamais se apagarão na vida; entretanto procuro escrever algo para que sinta mais calmo o estado da consciência.

Lá fora, nas dobras dos caminhos, os cães uivam melancolicamente e as árvores entoam preces de fantasmagóricos lamentos, e os lampões de gás dependurados se esbatem contra os postes na ermidão das ruas, como se tudo, a Natureza, que eu adoro tanto, estivesse tramando, à hora de minhas despedidas, mistérios e funéreas acentos, para que assim bem lentamente ao encaço dos suspiros, conte os pingos de sangue que turgem minhas veias, em acessos de tortura.

Contudo oh! — Natura avara e incompreensível, destes instantes em que leve dos sonhos o verde de esperança, o loiro dos martírios, a flâmula da derrota, assim mesmo eu te adoro, exalto; porque amanhã não mais virá em doídos pensamentos o vulto de uma Idéia — a Vida e a Morte de meus dias, e, nem mais poderei cantar aos teus lagos, à luz poente do entardecer, no campo e nas igrejas, aos pássaros aligeros como os meus desejos, uma canção ou uma estrofe de cidades ardentes.

Sim, há de sentir-me amanhã mais perto dos teus córregos amenos, das folhagens macias e frescas, orvalhadas, porque quero cantar contigo o hino dos mistérios naturais, e viver em teus braços poderosos, no cerne, nas folhas, nas montanhas, na calma revivência de vidas, na transformação dos corpos.

Lá fora o vento ainda arrasta as folhas secas do outono, mortas pelo inverno frio que se aproxima, e as nuvens no espaço dansam, em debandadas e correrias loucas, a dança das imagens já confusas na neblidão da noite tormentosa.

Meu sofrer já vai chegando ao fim, porque a cabeça me anuncia, em marteladas duras, que daqui a alguns instantes não mais sentirei dores.

Sim, já não posso me queixar — A cocaína fez o efeito desejado, e amanhã, quando o sol estiver no nascente, a Natura saudarei do cimo das montanhas, vivendo já em seus braços formidáveis, no recôndito do Nada ou no íntimo do Tudo, que abraçarei contente.

São três horas da madrugada; preciso fazer meu passeio diurno, e, irei de encontro aos ruidos do vendaval noturno buscar ainda uma inspiração para um sonho apenas.

Estou pronto para a partida; meu barco há de levar na popa uma mensagem de harmonia e de esperança para o Desconhecido, porque meu norteiro será indicado pela Estrela do Além-pôrto, e, dos mares bravios já não posso temer as brancas desencadeadas, nem os tufões marinhos, porque aprendi a ler nos oceanos — o rumo dos abrigos bonancosos.

Amanhã, quando as brumas houverem descido sobre a cidade, e, de novo surgir a noite, aí, sim, estarei voltando, a este mesmo mundo e, em forma espiritual, na voz dos ventos brandos ou tempestuosos, na luz, nas sombras que se alastram e crescem sempre mais, no grito dos grilos, no martelar de ondas ou no correr dos rios e córregos, e poderei sentir a felicidade em sua forma mais pura, na vida inanimada dos seres naturais e brutos, na ausência de dor, na letargia de sonhos que nunca morrerão.

A ESTADIA DE UM GRANDE COMPOSITOR NA CAPITAL

Mr. Wood

Teve Florianópolis ensejo de hospedar, desde fins de fevereiro, o eminente maestro e compositor, Fernand Jouteux, discípulo predileto do autor de "Manon", Massenet.

Nos meios artísticos, goza o maestro Joutex de merecida fama, pelo concurso de suas finas composições que ha muito vêm sendo executadas.

Apesar da idade que já vai um pouco avançada, Jouteux desfruta de um espírito expansivo e alegre. Aprecia muito a palestra, e, uma vez iniciada, quase só ele é quem fala, atrapalhadamente, porém, sobre os mais variados assuntos discorre, com simplicidade e entusiasmo, agradando sem constrangimentos os que lhe rodeiam. Nasceu em Chinon, na França. Demonstrando já na sua infância, precoce propensão para a arte musical, dedicou-se com afinco à mesma, aperfeiçoando seus estudos no Conservatório de Paris, onde teve oportunidade de ser aluno do imortal "Jules Massenet", célebre compositor francês. É Jouteux autor de mais de 100 obras, vocais e instrumentais, na maioria cheias de brasilidade; são dignas de menção: a "Sinfonia Brasileira"; "Cantos Brasileiros", premiado pelo Salão de Música de Paris; enfim, "O Sertão", eminentemente de caráter nacional, possivelmente única no gênero, foi baseada na Epopéia de Canudos, sintetizando suas impressões durante 40 anos de permanência nos sertões do Norte. O autor visa montar esta última obra no Teatro Municipal do Rio, ainda no ano em curso. "Le Retour du Marin", uma cena dramática, foi premiada pela Sociedade dos Compositores da França.

Não foi, propriamente, seu gênio musical o que o trouxe ao Brasil. Fez sua primeira viagem ao Brasil, quando roçava pelos 30 anos, indo ao Amazonas, com a intenção de colher impressões sobre as possibilidades da cultura do cacáu. Em virtude dos obstáculos surgidos, regressou ela à Europa mais de uma vez, tornando a vir para o Brasil, respectivamente ao Pará e Pernambuco, comprando neste último estado, uma fazenda, na qual atualmente reside sua família. Após ter percorrido já todo o território Nacional, onde vêm realizando uma série de bem sucedidos concertos, Jouteux acaba de aparecer em Florianópolis, demonstrando, não menos, sua habilidade e capacidade na arte em alusão. Na inauguração do Coreto do Jardim Oliveira Belo, em 20 de março, patrocinada pelo então Prefeito Municipal, Cel. Pedro Lopes Vieira, Jouteux, impondo-se garbosamente, dirigia uma audição com o concurso da banda da Força Policial, reforçada com elementos do 14º B. C., exibindo algumas de suas famosas obras, que muito agradaram à compacta assistência ali presente. Aos 13 de abril, no Quartel da Força Policial do Estado, efetuou nova apresentação, homenageando o governador do Estado, Dr. Aderbal Ramos da Silva. Aos 10 de maio, levou a efeito um grande concerto no Teatro Alvaro de Carvalho, com assistência da Orquestra Sinfônica local a qual foi coroada de grande brilho.

A Capital tem pois, hospedado um estrangeiro que, reconhecendo a hospitalidade Nacional, tem retribuído, imprimindo um aspecto de brasilidade em suas obras, o que contribui aqui e fóra do País, para prestigiar o Brasil nos meios musicais.

Bem, nada me falta para a longa viagem, resta-me partir.

Aos amigos deixo saudações, e aquela que me fez tão triste assim — deixou apenas um beijo de ciúmes e um soluço de amargura.

Lá fora ainda o vento arrasta as folhas secas do outono, mortas pelo inverno frio que se aproxima, e me arrasta também para o barquinho que me irá levar ao Desconhecido.

"ATUALIDADES"

Ariedam

Em fins de janeiro do ano findo, entrava em circulação o primeiro número da conceituada revista "Atualidades". Decorrido algum tempo, ocorreu a idéia de visitar-se sua redação, fosse por curiosidade, fosse por outro motivo qualquer, não importa! O intento foi realizado na tarde de um sábado, prevalecendo-se da folga que proporciona a "semana inglesa".

A diretora da revista, sra. E. I. Kuehne, conta com a imprescindível cooperação de seu ilustre esposo, sr. João Kuehne, funcionário público. Esperava-se encontrar na visita, um amplo local de trabalho, bem como, um perfeito e moderno aparelhamento impressor. De forma alguma houve surpresa, quando se observou justamente o contrário: a oficina instalada num pequeno recinto, servida por um prelo não dos mais modernos, e, quase confundindo-se com um auxiliar de redação, o próprio sr. Kuehne, alegre e tranquilamente, imprimia um dos números da revista. Com um reduzidíssimo número de auxiliares, cabendo-lhe a maior parte da tarefa, com dedicação e assiduidade, compõe, faz a revisão e imprime. Como se disse, tudo com o que se deparou, não constituiu em absoluto, motivo para desapontamento, dor incansável daquele cidadão, só comparável aqueles poucos brasileiros que procuram tirar algo proveitoso daquilo que a maioria determina "estéril, impossível, dificultoso, etc", sim, desses pouquíssimos brasileiros, que no retiro do trabalho não medem sacrifícios para afastar os obstáculos que lhes embargam o passo, visando tão somente realizar o objetivo coimado.

Nesta árdua tarefa, vem o sr. Kuehne demonstrando sua capacidade de trabalho, procurando cada dia melhorar mais seu órgão mensal, com o intuito nobilíssimo de oferecer uma boa leitura, numa melhor revista. Outrossim, "ATUALIDADES" tem proporcionado oportunidades para que os principiantes se iniciem nos seus ensaios literários, oportunidades estas tão escassas em nosso meio, das quais se originam a revelação dos literários nos mais variados aspectos, no dia de amanhã. Desta forma, o mencionado órgão auxilia a preencher uma das lacunas que enfrenta a nossa boa gente.

Espera-se, pois, que o modesto, mas distinto cidadão, sr. Kuehne, e demais dirigentes do citado órgão, encontrem um ambiente mais ameno no âmbito de suas aspirações, afim de que, consequentemente, como resultado de seu valioso esforço, também se possa dispor e cooperar para uma revista que esteja, como realmente tem estado, à disposição daqueles que procuram incentivar e instruir-se no panorama da literatura.

A "ATUALIDADES", os efusivos encômios de prosperidades.

ENVIADO DO PRESIDENTE DO AÉRO CLUBE DO BRASIL

O dia 27 de março, veio assinalar para o Aéro Clube de Florianópolis, uma significativa data, com a honrosa visita do Dr. Lindoro Machado Santana, enviado especial do Presidente do Aéro Clube do Brasil, senhor Camilo Nader.

A recepção se verificou justamente às 17 horas daquele dia, presentes elementos da diretoria, diversos alunos, cinegrafistas e visitantes, percorrendo todas as dependências daquela entidade aeronáutica, prestando seu presidente todos os detalhes que se faziam mister. Na ocasião em que foi servida uma lauta mesa de cerveja e frios, usou da palavra em nome do Aéro Clube, o dr. Afonso Veiga, que com justiça e expressão da verdade, discorreu sobre as grandes obras julgadas utópicas, todavia levadas à realidade, pelo Major Asteróide Arantes, o qual, satisfatória e merecidamente vem exercendo os cargos de Presidente e Instrutor daquela entidade; outrossim, externou a grata satisfação dos componentes do referido clube, pela presença do ilustre visitante.

Terminado o aplauso que sucedeu às palavras do orador, falou o distinto dr. Lindoro Santana, ventilando sobre assuntos concernen-

FUTURAS CANDIDATAS AO PRÊMIO NOBEL

C. Bousfield Vieira

Admira ver que até hoje, apenas cinco escritoras lograram conquistar o Prêmio Nobel de Literatura — a maior glória a que podem aspirar aqueles que manejam a pena. Mas admira muito mais observar que, dentre essas cinco representantes do belo sexo nas letras, uma apenas é sul-americana (a poetisa chilena Gabriela Mistral). Ora, convenhamos que isto não fica bem para a América do Sul e muito menos para o Brasil, que figura entre as grandes "potências da literatura".

Mas, não desanimemos. Aliás, o Brasil já conta com duas escritoras que, dentro de poucos anos, serão candidatas — e quiçá detentoras — ao Prêmio Nobel. Trata-se das penas ilustres da sra. Leandro Dupré e de Susana Flag, essas duas geniais literatas que o nosso culto público tanto aprecia.

A sra. Leandro Dupré, autora de "Éramos Seis", imortal romance social que nos dá uma idéia precisa da mãe brasileira, é sem dúvida um dos expoentes máximos das letras americanas em geral. Psicóloga profunda, ela transporta o coração de seus personagens para o leitor chore, quando os seus personagens choram; ria com eles; e com eles sofre. E o que torna mais fina a sua obra é aquela linguagem sutilíssima de que só ela mesma sabe usar. Quem leu "Éramos Seis", "O Romance de Tereza Bernard", "Os Rodrigues", etc. bem pode dizer da profundidade da insigra escritora patriciã.

Quanto a Susana Flag, esse escritor de talento mundialmente reconhecido, ela é uma figura tão excelsa que a nossa pena se sente açanhada, ao tecer-lhe louvores. "Minha Vida", sua "chef d'oeuvre" — que tem sido ultimamente a obra mais fedida nas nossas livrarias — podemos dizer que já constitui uma monumento literário à altura de quaisquer "Guerra e Paz", "Os Miseráveis" ou "Ulysses". E "Meu Destino é Pescar", outro notável romance de Susana, tem quasi tanto mérito quanto "Minha Vida".

Susana Flag apresenta-nos os tipos femininos mais reais que possamos conhecer. Bota-nos os seus personagens, por assim dizer, nus diante dos olhos, penetra-lhes o fundo da alma. Mostra-nos cenas que nos empolgam e nos encham de tensão nervosa. E tudo isto naquela sua linguagem bonita, que faz a gente palpitar de sensação.

Sim, sem favor algum, a sra. Leandro Dupré e Susana Flag são as maiores expressões das letras pátrias e que por certo não tardarão muito a conquistar para o Brasil o tão ambicionado Prêmio Nobel de Literatura.

Quando isto suceder, nós então, filhos diletos desta querida terra de Santa Cruz, teremos imenso orgulho disso. Principalmente as mulheres, que terão mil razões para suspirar, ao pensarem:

"Ah! Uma mulher brasileira já tirou o Prêmio Nobel de Literatura!"

Nota do autor — Si alguém tomar a sério o que eu disse posso então me considerar um segundo "Rousseau incompreendido".

tes à aviação. No término de sua dissertação, frizou não ignorar os relevantes serviços do Major Asteróide, tanto que, sabedor disso, era ele portador de uma lembrança enviada pelo sr. Camilo Nader, a qual, embora não se revestisse de apreciável valor material, era, não obstante, de grande valor representativo, e, na solenidade da ocasião, sob longo aplauso, ofereceu ao Major uma insígnia da aviação, o qual, muito comovido pela significativa surpresa, agradeceu aquele honroso gesto.

O sr. Carlos Braga, cinegrafista da Cinédia, em viagem neste Estado, estando presente aquela homenagem, filmou durante algum tempo as diversas dependências do aeródromo.

Ocorreu tudo num ambiente de perfeita cordialidade, contribuindo eficientemente para que os componentes do Aéro Clube local sintam-se jubilosos e honrados com a passagem de mais esta auspiciosa data.

Mr. Woods

A CARTA E' A PRIMAVERA

SALIM MIGUEL

Manhã fria de inverno. Feia, Sombria. Silenciosa.

Vento fustigando as árvores e os fios elétricos. Desolação. Tristeza. Abandono.

A chuva tombava com insistência, tamborilando com furor nas vidraças da "Casa Velha", escorrendo depois em delgados e claros fios de prata, que se iam perder na calçada. Formavam-se pequenos regatos, onde boiavam pontas de cigarro, cascas de laranja, partículas de ninhos, folhas amareladas e secas...

Uma barquinha de papel, velas pandas, alirada de uma das janelas da "Casa Velha", corria veloz, levada pelas águas. Uma criança loura e pálida, de longos cabelos e olhos azuis, seguia-a com os olhos, batendo palmas...

Era um quarto de estudante pobre. Uma cama, duas cadeiras, uma escrivaninha velha, coberta de livros e papéis em desordem.

Sentado numa das cadeiras, perto da escrivaninha, um velho pijama a lhe cobrir o corpo magro, estava um rapaz que não teria mais de vinte anos. Meditava tremendo de frio. Não fora à aula. E tinha prova parcial. Mas, que fazer! O único terno que possuía estava molhado. Por isto ficara na pensão, a "Casa Velha", como era chamada. Esperava que o terno enxugas-se.

O rapaz estava enregelado. A princípio, tentara ler. Impossível! Tampouco pôde estudar. Não se concentrava na leitura. Tentou escrever. Os dedos rígidos não lhe obedeciam...

E ficara-se ali a meditar... a meditar... esquecido...

Olhava, sem ver, através da janela coberta de gotículas de chuva, para a fealdade da manhã. Lá fora. Não via nem as árvores destolhadas, nem o céu tristonho, nem os raros e apressados transeuntes.

Em que meditava? Talvez nem ele mesmo o soubesse! Seu pensamento borboleteava erradio, sem fixar-se em nada. Quanto tempo já se passara? Seria ainda manhã? Ou já era tarde?

Não ouviu quando o carteiro bateu à porta. Bateu outra vez, mais outra. Inconscientemente, mandou entrar.

O carteiro era um velhinho baixo, vivaz, óculos acavalados no nariz aquilino. Sorria sempre, mostrando os cacos dos dentes. E, apesar do frio, falava muito e rapidamente, soltando uma torrente de fumaça e palavras que o rapaz não compreendia.

O velhinho, enfim, cansou-se e parou. Ora bolas, falar para as moças! Sim senhor!

Tirou uma pasta de couro de dentro da capa, abriu-a, extraiu uma carta, colocou-a na mesinha... Acendeu depois um cigarro, achegou a capa aos ombros, pigarreou, cumprimentou e saiu.

A carta — uma carta pequenina e quadrada, envelope pardo — ficou longo tempo ali, ao alcance da mão do rapaz. Ele não se achava com coragem para tirar as mãos de baixo do cobertor com o qual se cobrira. Fazia tanto frio que nem se sentia com vontade de se mover. Desceria permanecer ali sempre, sempre. Pensou que devia abrir a carta, mas as mãos não obedeciam ao chamado do cérebro.

"Se eu me transformasse em estátua, na bela estátua do parque, não sentiria frio" pensou ele. "Ou, quem sabe se as estátuas também sentem frio e calor? Como não estará passando agora a pobrezinha! Muito pior do que eu. O frio percorre-lhe todo o corpo nu e o vento e a geada acotam-na".

Estremeceu e um tremor gelado lhe passou por todo o corpo, lhe visitou veia por veia. Sentia-se nu e imóvel, na rua, fustigado pela intempérie. Era-lhe inverno e parecia-lhe que toda a sua vida fora, brá a seria um eterno inverno. Não sentiria nunca a amenidade primaveril, nem o calor do sol. Mesmo em pleno verão, o inverno lhe morava na alma.

Sobressaltou-se dos pensamentos que tivera e voltou à realidade de seu quarto.

Com custo, estendeu a mão e pegou na carta. Abriu-a. Eram duas folhas de papel completamente manuscritas. Na ponta dos mesmos, um ninho florido, onde dois passarinhos se olhavam.

"Meu querido..."

Começou a ler com indiferença. À medida que lia, porém, como que tudo se mudava à volta do rapaz. Sentia-se melhor, mais animado. O frio como que se fora. "Ele" era "outro", alegre, feliz, amoroso. Da carta lhe vinha fé, esperança, consólio. Naquela letra feminina, grande e firme, ele viu sonhos, ilusões, conforto, carinho, amoroso carinho feminino. Parecia-lhe que passeava por uma campina extensa e verdejante, apoiando e apoiado, recebendo e dando fé, confortando e confortado...

O perfume e o colorido das flores encharcavam o ambiente.

Era a primavera, a mocidade, o sonho, a esperança que lhe vinha com a carta. A carta, aquela carta era a primavera.

Ele não mais via a chuva, a tristeza da manhã, o céu feio e plúmbeo, o frio, o quarto pobre e miserável. Não!

O céu brilhava como em manhãs primaveris; o vento lépido e caricioso soprava; os pássaros garrulos soltavam trinados alegres e se amavam; as árvores reverdeciam e enfloraram; os humanos eram melhores e mais alegres: tudo enfim era um perene canto de amor e alegria, de desejo e esperança. Toda a miséria, toda a podridão humana ficava longe, longe num passado remotíssimo. Ele avançava muito, no tempo e no espaço. A carta era a primavera eterna, a paz.

Seu quarto ínfimo metamorfoseava-se, ele era outro, sentia-se reviver, personalizava-se num "eu" que trazia no mais recôndito do coração, no subconsciente...

Risadas cristalinas cortavam o quarto. Ele via um vulto feminino que se avaliava da carta, aereo e sutil, alvo e evasante e que pendia sobre ele. Os olhos ternos do vulto pareciam iluminá-lo, a voz lhe sussurrava palavras amenas e boas. Sentia em suas mãos outras mãos que lhe apertava; em seus lábios, outros lábios que o beijavam; uns braços que o apertavam; um corpo que se lhe oferecia...

A carta era como que um chamado à vida, um convite para que deixasse o desespero. Era assim como uma amostra de que, se o mundo possui miséria, fome, podridão, também contém beleza, sonhos, risadas infantis e puras, mulheres belas, manhãs primaveris. Era um apelo aos pessimistas para que fossem realistas e enfrentassem a vida com coragem, energia. Era uma prova de que a natureza é sábia na sua relatividade. Contrabalança tudo para dar oportunidade aos homens de subirem à custa dos próprios esforços...

Agora ele já não lia na carta. Lia além da carta, o que ela lhe sugeria. Ele completava com as suas idealizações a primavera que a carta lhe trouxera. Fazia-o a seu modo, uma coisa sua.

E o rapaz revivia... E os sonhos voltavam... E a esperança, flor rediviva, iluminava tudo...

Sentado, com os olhos fixos e imóveis, a carta pendente da mão, o pensamento turbilhante, vendo dentro de si mesmo, o rapaz sorria-se feliz, esquecido do frio, da manhã feia e chuvosa, das árvores tristonhas, esquecido de tudo, sem recordar o que ali fazia, todo embêido em seu sonho.

"Bendita carta que lhe dera sonhos, esperanças, fé, que lhe trouxera a primavera em pleno inverno".

AOS CLUBES JUVENIS

As páginas da nossa folha acham-se ao dispor de todos os Clubes de jovens. Remetam suas notas de competições, resultados dos jogos, etc. às literárias, para a nossa redação.

OS CAMINHOS DA VIDA

J. D.

Tendo, como satélite de nossa existência, a incerteza, não sabemos quais as surpresas que o destino nos reservou, para todos nós. Uns possivelmente trilharão caminhos de rosas; outros, caminhos de espinhos.

Se trilhádes a estrada dos espinhos, teréis que lutar para vencer todos os obstáculos, todas as vicissitudes. Nunca, porém, esmoreçais. Tende persistência, que com ela chegareis ao vosso intento.

Se, ao meio da estrada, quiserdes cair exausto, talvez pelo excesso de energia dispendida, não vos deixeis cair, não joguéis por terra todas as vossas esperanças, todos os vossos sacrifícios; lembrai-vos que uma parte da jornada, já a levastes vencida, enquanto outros haverá que apenas estão iniciando.

Tende perseverança e, se virdes que se estão sumindo vossas forças, lançai mão da última gota de vossa energia moral, dessa energia que, com sacrifícios incommensuráveis, em muitas ocasiões, tem sido o oásis salvador das vítimas das hecatombes preparadas pelo destino.

Cuidado! Se, embora fatigado, se vos apresentar um caminho que encurte vossa jornada, um caminho que dê margem à perversão, então é preferível desprezardes esta âncora salvadora e vos deixar cair inerte, à espera das tempestades implacáveis e imprevisíveis que possivelmente cairão sobre vossa cabeça, do que galgardes o alvo de vossas esperanças, servindo-vos daquele ponto de desvio.

Bela será, e vitoriosa, digna dos maiores encômios, a vossa chegada à meta da Glória, da Felicidade, se lá chegardes, não importa quando, porém, com a alma impoluta, livre de manchas, ebúrnea, muito mais clara, e cuja luz resplandecente e perene, servir-vos-á de arma contra aqueles que vos são contrários, nos atos e nos predicados. Podereis viver orgulhosos de vós mesmo, e, se algum dia entrardes num outro "de escurecimento moral, a luz da vossa experiência e idoneidade clareará as tenebras aspérrimas de iluminação".

Se vos impulsionar o destino ao caminho de rosas, não vos deixeis escorregar, se, algum dia, a estrada por que trilhais alvorecer umedecida pelas chuvas tempestuosas do destino; de vós, pois, será exigido o mais ingente dos sacrifícios, porque, sem nunca terdes recebido o batismo das lutas insanas pela existência, sem nunca terdes provado o fel dos infortúnios, dificilmente possuireis a arma capital para a defesa: a experiência, que, emanada das lutas, nos dá forças hercúleas para emergirmos das alavanches forjadas nas oficinas do Além.

BOAS VINDAS AO REMO

A manhã de 27 de março, novas esperanças trouxe ao povo de Florianópolis, com a nobilíssima iniciativa do simpático clube "Aldo Luz": a nova diretoria eleita e empossada, levou a efeito a realização de um certame náutico, no qual tomaram parte os três clubes da Capital: Aldo Luz, Francisco Martinelli e Riachuelo, em homenagem ao Governador do Estado. É, pois, uma atitude digna de louvor, trazendo novas e grandes perspectivas para o desenvolvimento do remo, até então quase completamente abandonado.

Naquela manhã, o povo, em massa afluía aos lugares suscetíveis de melhor apreciar o desenvolver das duras provas, numa torcida muito entusiástica; a Banda da Força Policial, destacadamente contribuiu para abrilhantar a empolgante festividade esportiva.

Nas cinco provas realizadas, três vitórias coube ao Riachuelo e duas ao Martinelli; menos felizes foram as guarnições do Aldo Luz, que não conseguiram alcançar a liderança em nenhuma das provas.

Todavia, à noite, vencedores e vencidos, irrmamente reunidos na Confeitaria Chiquinho, celebravam o grande acontecimento: ressurgia o remo em Florianópolis, como outrora. Não festejavam os vencedores exclusiva e egoisticamente suas vitórias, mas sim, comemoravam uma vitória geral, porquanto o ressurgimento do remo na Capital, significa uma vitória de todos os remadores e simpatizantes. Assim, representantes de todas as entidades náuticas ali presentes, sem ressentimentos nem preconceitos, brindavam com regosijo e entusiasmo, na mais perfeita cordialidade, a glória dos remadores "Ilhéus".

Cidadãos! Agora, cabe pois, não deixá-lo novamente no esquecimento. Gente nova! Mocidade! Constituí todos vós os remadores de amanhã! De vós, jovens, dependem os atletas do futuro! Inscrivei-vos nos Clubes náuticos, trabalhai intensivamente e com zelo para incentivar tão salutar esporte. Formai vossas guarnições e apelaí para os dirigentes dos Clubes designarem e realizarem novas competições, as quais vos estimularão indubitavelmente.

Si um regular número se dedicar com assiduidade e boa vontade, impreterivelmente, a mocidade, no desejo de sobressair-se, voltará suas vistas para o remo, podendo assim assistirmos seu desenvolvimento progressivo e tornar-se uma realidade esportiva, como foi em outros dias.

ARIEDAM

CONCURSO "LIVRARIA ROSA"

Temos a grata satisfação de levar ao conhecimento dos nossos distintos leitores e colaboradores, que, a partir deste número em diante, manterá esta Folha um concurso mensal. Será o mesmo patrocinado pela conhecida e conceituada "LIVRARIA ROSA", estabelecida à Rua Deodoro, n. 33, nesta Capital, cujo proprietário propôs premiar mensalmente com dois livros: Um para ser sorteado entre os leitores do trabalho mais votado, seja de que gênero for; outro para o autor do trabalho que alcançar maior número de votos.

Desta fórmula, a "LIVRARIA ROSA", vem contribuir diretamente para incentivar o ânimo de nossos prezados colaboradores. Nós, dirigentes deste órgão, penhorados formulamos nossos sinceros agradecimentos e fazemos votos de constantes prosperidades.

BASES DO CONCURSO:

- 1) Enviar o coupon abaixo até 20 dias depois da saída do jornal.
- 2) Ao receber-se o coupon, será o mesmo registrado e numerado por ordem de recebimento.
- 3) A apuração será feita após extinção do prazo supra, pela direção deste jornal, sendo permitida a presença de qualquer interessado.

1º CONCURSO "LIVRARIA ROSA" NR

Nome do artigo

Nome ou pseudônimo do autor

Nome do leitor

Endereço

GUARDA-CHUVA DO JUVÊNIO

(Especial para a "Folha da Juventude").

Silveira Júnior

NOTA DA REDAÇÃO — Chamamos a atenção de nossos prezados leitores para o interessantíssimo trabalho de Silveira Júnior, "O Guarda-Chuva de Juvêncio", que apresentamos neste número.

Silveira Júnior, sobejamente conhecido nos nossos meios jornalísticos, vencedor de diversos concursos em revistas do Rio de Janeiro, secretário do Centro Cultural de Itajaí, alto funcionário do Banco Inco, é um nome que dispensa maiores apresentações. Sua projeção nas letras, já agora pode-se dizer vitoriosa, tem-se feito à custa de esforço e inteligência. Do modo de um estilo próprio, límpido e escoreito, possui a medida justa do conto moderno. Seus contos são como que instantâneos, focalizando trechos da vida, analisando e dissecando tipos.

"O Guarda-Chuva do Juvêncio", trabalho que ora apresentamos, escrito especialmente para a "Folha da Juventude", é típico do modo de escrever de Silveira Júnior — um pedaço, um rápido momento da vida transportado pela sua pena ágil para o papel — e que dá ao leitor uma visão das possibilidades do autor.

*
* *

Era inverno. Um domingo. Juvêncio, que é sacristão, tinha vindo bater as ave-marias. Depois, varrer a igreja. Arrumara o altar, espanara os castiçais, substituiu as velas para o dia seguinte. Tinha feito tudo. Encaminhou-se para a porta. Um frio cortante, com um vento ainda fraco e um céu de teto baixo, prenunciavam borrasca. Juvêncio inicia a sua jornada de volta e, somente depois de algum tempo, se lembra de que esquecera o guarda-chuva. Devia de estar na maçaneta da porta que dá pro consistório. Voltou. Tinha pensado certo: realmente, ali estava o guarda-chuva de cabo recurvo de metal cor de prata enzinbrada.

Um pormenor: entre a hora da ave-maria e a saída de Juvêncio a praça da igreja se apinhava de gente. Moços e moças, prá lá e prá cá, no "footing" de antes do cinema. O sacristão teria preferido sair por uma rua erma, mas, distante de si mesmo, de embulhar com os seus pensamentos, só se achara depois de envolvido pelo turbilhão de domingueiros; só se apercebera do povareu, depois de alguns contróles. Afinal, voltar agora, já era tão difícil, como continuar. E foi andando cada vez mais encabulado no meio do povo. Na sua idéia, parecia-lhe que todo mundo estava rindo d'ele. Não lhe saía da cabeça que era um favor que os grã-finos estavam fazendo, permitindo que ele, o Juvêncio Sacristão, passasse por ali. O velhinho quasi agradecia a "generosidade" dos ricos (sim, no ver de Juvêncio, aquilo tudo eram uns "ricos"). De qualquer forma, "eles" estavam permitindo que Juvêncio fosse prá casa pelo mesmo caminho...

La pensando assim, quando viu todo mundo em disparada, aos esbarros. Imaginou logo uma briga feia. Agora os policiais haviam de envolvê-lo no pega. Com certeza chegariam perto d'ele e gudunhariam o seu braço com um grito:

— Teje preso. O senhor também ajudou a encrenca.

E teve vontade de correr, mas ficou com medo. Ai mesmo é que nunca mais conseguiria provar a sua inocência.

— Si o senhor não tinha nada com a briga, por que então correu?

Tudo isso maquinou o cérebro de Juvêncio. Agora, por um lado, tinha sido bom aquela fuga. Pelos menos assim, eles não haviam de pender tempo a olhá-lo; a rir do seu porte.

Só depois de se ver mais ou menos livre do conflito imaginário é que o homenzinho notou que o pessoal corria, mas era da chuva e ia prá baixo das marquises.

Juvêncio suspirou aliviado... Realmente, uns pingos enviezados foram-se multiplicando, multiplicando...

BILHETES PAULISTAS

CARROS OFICIAIS

Renata Pallottini

Está muito em moda hoje, aqui em São Paulo, o Ford invariavelmente negro e brilhante, dirigido por um "chauffeur" maneiroso e elegante (também negro, mas não brilhante); é o carro oficial de chapa branquinha, que tem poderes milagrosos sobre os sinais e inspetores de trânsito. Caso interessante: quando um carro oficial, levando Madame Fulana de Tal, vai por uma preferencial a 80 Km. por hora e chega a um cruzamento, um súbito daltonismo ataca o "chauffeur", e este vê um sinal verde onde está sinal vermelho; mais interessante: o guarda de trânsito, repentinamente perturbado por terrível miopia, absolutamente não consegue ver o número da "branquinha". Fenômenos óticos, amigos, fenômenos óticos...

Atualmente, nenhum velho (velho, disse eu? Perdão, decrépito!) oficial da Força Pública quer reformar-se depois de algumas dezenas de anos de serviço. Reformar-se? E o carro oficial? Quem transportaria os bem nutridos 90 quilos de madame até ao cabeleiro ou à "manicure"? Reformar-se, ora!

O carro oficial manda na vida da gente. Quando o pobre paulista de hoje levanta-se, e vai prá rua, pede a Deus que o proteja das "mordidas" dos amigos, do diabo e dos carros oficiais... E principalmente dos carrões oficiais... Sim, porque eles servem para levar a "madame" à feira, o seu coronel ao Jockey e o pobre transeunte ao necrotério. O carro oficial é uma praga oficial, reluzente e bem lavada. Ou melhor, religiosamente falando, é uma das bênçãos que Alah lançou sobre a cabeça de seus filhos paulistas, sob a forma de paralelepípedos...

A satisfação do primeiro momento durou pouco. Juvêncio via-se agora como que num palco, sozinho pelo meio da rua, que a chuinha tentava molhar. Ficou pior agora — pensou. Todos os presentes haviam de olhá-lo indiscretamente. Só de se lembrar disso, o pobre homem sente uma onda de calor afogear-lhe o rosto. E um latejar cadenciado como um pingueiro empola-lhe as têmporas. Quis abrigar-se numa marquise. Não da chuva, mas da suposta galhofa do povo. Depois resolveu que não. Iria embora. Mal tinha acabado de tomar esta última resolução, quando uma refrega de vento, empurrando uma pancada d'água, trouxe-lhe à idéia do guarda-chuva. Meter-se-lhe debaixo do agasalho, puxá-lo até em cima da cabeça e, assim, não enxergaria ninguém a lhe fazer troça.

Foi da idéia à execução: puxou o velho guarda-chuva, desengatilhau aquela molinha, levou de ponta à frente, sacudiu-o para que as dobras se separassem e... nisto o vento fez o resto: com uma fúria louca, invadiu o pano, inflou-o e, num safanão, armou e revirou a armação e a fazenda, por pouco não levando de arrasto o seu dono.

Somente nesse instante o povo deu pela presença de Juvêncio...

Ua moça, como que acometida de súbito ataque de riso, bate noutra e aponta o homem de guarda-chuva revirado. A outra abre a boca e, sem poder falar, transmite também por mimica a notícia à vizinha. Por fim, o riso contagia a todos. Moços e moças, velho e velhas escancaram-se e, sem mais poder rir, batem pé, guincham e urram. Choram e suspiram de tanto rir. A praça se transforma numa multidão arquejante, frenética, nervosa pelo excesso de riso. Riem e apontam. Prá falar não dá.

Enquanto isso o Juvêncio, chicoteado pelo aguaceiro, com a calça molhada, colando na barriga da perna, quasi arrebatado pelo guarda-chuva e em vão tentando desvirá-lo, caminha num trote seco, achincalhado e só, ouvindo uma chuva-chuá de risos e de gritos.

Transido de tanta vergonha, o velho segue obediente, puxado pelo seu rebelde abrigo, agora grotescamente em forma de flor, por uma rua que não se acaba mais de comprida...

SOCIEDADE DE CULTURA MUSICAL

A Sociedade de Cultura Musical, desta Capital, vem satisfatoriamente correspondendo às expectativas do público florianopolitano. A prova do exposto está constatada nos sucessos ininterruptos dos inúmeros concertos realizados na Capital e mesmo fóra: cada audição, inevitavelmente, reveste-se de mais uma glória para a aludida sociedade.

A competência dos componentes da ativa diretoria, alia-se o inegável, profundo conhecimento e boa vontade do grande maestro Jorge Kaszas, como bem se observou pelas conquistas dos êxitos obtidos, engrandecendo o nome da Sociedade Musical. O recinto do Teatro Alvaro de Carvalho, já não mais comporta bem acomodada a seleta assistência, tendo já acontecido, não só uma vez, permanecer de pé uma apreciável parte dos espectadores, e, as prolongadas saivas de palmas corroboram expressivamente a satisfação do auditório.

Não satisfeitos seus dirigentes com o bastante que já têm feito, deliberaram mui judiciosamente não restringir suas atividades somente à apresentação de concertos: estabeleceram a criação de um curso musical noturno, gratuito e extensivo a todos, sem a mínima distinção, onde possam as pessoas interessadas na aprendizagem e no aperfeiçoamento musicais, satisfazer seus desejos e inclinações, donde, muitas vezes, surgem os gênios que vivem na obscuridade.

Logo na iniciativa do projeto, a apresentação de candidatos satisfez plenamente a expectativa daquela direção, cujo número elevou-se consideravelmente acima do que se esperava, em consequência do que, foram criados mais de um curso. Passado já um ano de promissores resultados, os alunos que concluíram o primeiro ano de ensino, já submeteram-se aos exames para a 2ª. série, iniciando-se novamente as aulas no mês de maio.

Do que acima ficou focalizado, constata-se que a referida sociedade não tem permanecido inativa, e, além de suas finalidades essenciais, vem altruisticamente prestando inestimável assistência cultural, dando amenizada oportunidade aos apreciadores da música, contribuindo e ampliando, assim, a difusão desta arte em nosso meio social.

Quanto ao professor e maestro, sr. Jorge Kaszas, indispensável se torna qualquer comentário a respeito; não há quem não conheça suas aptidões na arte aqui aludida.

Tão benemérito empreendimento merece, pois, a solidariedade de todos, afim de que a feliz iniciativa dos dirigentes da sociedade em apreço, seja coroada de magnos êxitos, porque, para tão nobre e desinteressada organização social, outra coisa não se poderia desejar.

LANÇAMENTO DA PEDRA FUNDAMENTAL DO "COLÉGIO BARRIGA-VERDE"

A juventude de Florianópolis sente-se devéras satisfeita e reconhecida, com a solenidade do lançamento da pedra fundamental da Sociedade Colégio Barriga-Verde, levada à realidade em 1º de maio, aproveitando-se o dia daquela significativa data.

O ato verificou-se às 16 horas, presentes o Governador do Estado, Dr. Aderbal Ramos da Silva, altas autoridades civis e militares, Cel. Pedro Lopes Vieira, que presidia o ato, e o dr. Alfredo Damasceno da Silva, presidente da sociedade em realização.

Hasteado o Pavilhão Nacional, com o Hino executado pelo 14 B. C., usou da palavra o dr. Damasceno, em cujo brilhante discurso, focalizou a necessidade que se fazia mistér de um tão nobre empreendimento. Salientou que a privação de um estabelecimento deste gênero não poderia oferecer amplas oportunidades aos comerciantes, industriários, funcionários públicos, etc., que labutam nas horas do dia para sua subsistência, todavia, desejosos de maior cultura e desenvolvimento intelectual.

Ao seu discurso, bastante ovacionado pelos presentes, procedeu-se ao recolhimento de moedas, jornais e outros objetos, sendo em se-

OS RESTOS DA COPA AMIZADE

De um modo geral, o nosso selecionado não soube cumprir o seu desempenho nas partidas realizadas nos campos indicados pelas duas federações. Por que? Perguntamos a todos. E a resposta vem com a maior naturalidade: é a falta de organização de nossos representantes. Pois bem, esta é a verdade: O combinado barriga-verde estreou bem. Conseguiu dominar o adversário, abatendo-o pelo elevadíssimo escore de 6 a 2. Nesta altura, a nossa seleção cumpriu admiravelmente o seu papel, como também a F. C. D., que soube corresponder à expectativa, impressionando a assistência pela maneira com que recebeu os visitantes e altas autoridades. Nada mais falso, nada mais vergonhoso do que aconteceu no "belíssimo" campo da F. C. D., uma vez que tudo apresentava o aspecto de uma perfeita cooperação. Já esperávamos o costumeiro "ponta-pé" nos desportistas, pois os nossos dirigentes, os nossos organizadores, sempre agem pelo caminho da desonestidade. Sim, os exemplos são numerosíssimos. Não devemos descrever os fatos acontecidos no passado para não prejudicar a boa marcha deste grande esporte que se acha em nossa capital ou talvez em todo o estado, em avançada decadência, mas sim atacar os presentes casos, abrindo os olhos de nossos desportistas para que se previnam em casos futuros. Em Blumenau, começou então a falta de orientação dos irresponsáveis. A nossa equipe sofreu o primeiro revés. A escassez de reservas requisitados pela F. C. D., fez com que os nossos titulares se aplicassem a fundo. Cansado, o nosso conjunto baqueou pela contagem de 5 a 4. Em Curitiba, o espetáculo foi pior. A F. C. D. designou, como sempre, os seus representantes para zelar e animar os nossos atletas. O desprendimento de responsabilidades e a falta de competência demonstrada por estes indivíduos fez com que os nossos elementos se exibissem péssimamente. O resultado foi o produto destas lamentáveis ocorrências. Sete tentos a dois, escore este, que bem justificou o desinteresse de nosso preparador, de nossos orientadores, de nossos organizadores, que não souberam assumir as suas funções de dirigentes.

Sempre atentos, pois, desportistas catarinenses, para que, em próximos compromissos, não nos suceda o mesmo.

A. S. C.

AVISO

Avisamos que só serão aceitos os artigos que vierem devidamente assinados e não nos responsabilizamos pelos conceitos emitidos nos mesmos. Os artigos, mesmo os não publicados, não serão devolvidos.

A REDAÇÃO

guida lançada a pedra fundamental pelo Dr. Aderbal Ramos da Silva, ato este muito aplaudido.

A iniciativa é realmente nobre e valiosa. Tem e merece o apoio de todos que trabalham pela crescente cultura do nosso povo. O contentamento e regosijo é geral e dignos de louvor são a atitude e o esforço dos digníssimos dirigentes daquela futura entidade de ensino secundário, pois, muito embora o ensino primário tenha alcançado relativos progressos, aquele não tem permanecido ao alcance de todos.

Dr. Alfredo Damasceno da Silva, Cel. Lopes Vieira e demais dirigentes, não esmoreci diante dos obstáculos que por ventura surjam, como é de hábito em todo nobre empreendimento; são provações que devem ser removidas, às vezes, com algum sacrifício; contínuo sem interrupção a vossa grande obra. Saibam senhores, que a grata mocidade estudantil está ao vosso lado e vos apóia. O Colégio Barriga-Verde é considerado já uma realidade e vem preencher uma lacuna que se verifica em nosso meio, proporcionando ensino para os desfavorecidos de horários mais propícios. Uma pleiade de jovens está disposta a incentivar a solidariedade em prol do que vós bem o mereceis; apela, pois, si preciso for.

Apresentando esta "Folha" sua inteira solidariedade, almeja que os trabalhos sejam coroados de sucessivos êxitos, agradecendo sinceramente aos dirigentes da Sociedade Colégio Barriga-Verde.